

Resolução da Mesa Nacional do Bloco da Esquerda

5 de Fevereiro de 2011

Depois da derrota das presidenciais, recuperar a capacidade de iniciativa do movimento popular

1. A reeleição, à primeira volta, do mais importante líder da direita portuguesa nos últimos 25 anos, representa uma derrota para as esquerdas sociais e políticas. Este resultado favorece as pressões para medidas complementares de austeridade, que aplicam as orientações clássicas do FMI e antecipam a sua tutela.

No entanto, Cavaco Silva sai enfraquecido destas eleições: perde mais de meio milhão de votos e obtém a menos expressiva das reeleições. Por outro lado, a sua vinculação à SLN, holding do BPN, sublinha uma posição de fragilidade que exige pleno esclarecimento dos factos.

2. Uma forte abstenção, em particular entre os jovens, reflecte a dimensão da precarização social na sociedade portuguesa, e o descontentamento que essa exploração suscita. O precariado foi a força social que faltou para determinar uma segunda volta.

3. A candidatura apoiada pelo Bloco de Esquerda sofreu uma derrota clara. Manuel Alegre reduziu a sua votação em relação a 2006 – menos 300 mil votos - e não conseguiu impor uma segunda volta, apesar de ter sido o candidato de oposição mais votado.

O Bloco de Esquerda valoriza a mensagem da campanha de Manuel Alegre, marcada por dois temas essenciais - a resistência à chantagem dos mercados financeiros e do FMI, e a defesa dos serviços públicos como condição da democracia. Ao contrário do que vários analistas da área governamental e de direita têm sustentado, Manuel Alegre não perdeu porque o seu discurso se situou francamente à esquerda, nem porque tenha sido apoiado pelo BE, por independentes de esquerda ou até pelo MRPP. Manuel Alegre perde porque uma parte do PS decidiu favorecer directamente a eleição de Cavaco Silva e porque a situação social criada pela acção do governo inibiu o voto de muitos outros, desgastados e desiludidos com as suas políticas.

4. O Bloco de Esquerda decidiu apoiar uma candidatura que pudesse representar a esquerda para derrotar Cavaco Silva, ou seja, que fosse capaz de disputar a maioria dos votos a partir de posições políticas clarificadoras. Reafirmamos essa escolha. Ela não constituía em qualquer circunstância uma aproximação entre o Bloco de Esquerda e o partido do governo. Demonstrava pelo contrário uma resposta política clara: a campanha presidencial só podia ter como objectivo vencer Cavaco Silva. Enganou-se no alvo e na batalha quem facilitou a vitória de Cavaco Silva para fingir atacar um primeiro-ministro que não estava no boletim de voto.

Como os resultados demonstram, só Manuel Alegre estava em condições de disputar a segunda volta contra o candidato da direita. Tal não foi possível por menos de 3 por cento dos votos, mas a campanha que exprimiu a rejeição de qualquer diminuição do SNS, que defendeu a escola pública e a segurança social e que reafirmou a recusa das leis laborais autoritárias, contribuirá para a resposta dos trabalhadores contra o FMI em 2011.

5. A candidatura de Fernando Nobre obteve uma votação expressiva. O seu discurso e

posicionamento político favoreceu a convergência de eleitores e eleitoras com opiniões extraordinariamente variadas, e não raro, contraditórias, sobre a realidade política e social do país.

Por um lado, a sua trajectória de activista social e a preocupação com os excluídos fez com que milhares de cidadãos e cidadãs se revissem no candidato. Por outro lado, a sua reiterada afirmação de independência face aos partidos atraiu os votos com um apelo populista, factor que foi alimentado com propostas conservadoras e populistas como a da redução do número de deputados. Finalmente, a sua vertente “nem esquerda nem direita”, os apelos a um “governo de salvação nacional” (uma coligação PS-PSD-CDS), a proposta do fim da universalidade do SNS, o ataque centrado em Alegre a quem acusou de ser esquerdista e contra a banca, a reafirmação do seu apoio a Soares e ao PS nas eleições anteriores fizeram com que muitos eleitores e eleitoras que se revêem em posições do PS, centristas e de direita o tivessem apoiado nas urnas.

6. A candidatura do PCP foi apresentada para afirmar a identidade do partido. Noutras ocasiões, o PCP participou nas disputas presidenciais com políticas que tinham por objectivo a derrota dos candidatos de direita, mas agora preferiu colar a candidatura de Manuel Alegre à de Cavaco Silva.

Os resultados demonstraram que esta candidatura presidencial perdeu mais de um terço dos votos em relação a 2006 e foi a segunda menos votada da história do PCP.

7. Diversas campanhas pelo voto branco e nulo convergiram e obtiveram sucesso, tendo passado de 165 mil nas eleições europeias de 2009 para 191 mil agora. Naturalmente, se desses votos os que se opunham a Cavaco Silva se tivessem expressado em qualquer um dos outros candidatos, poderia ter havido uma segunda volta. Assim, as campanhas pelos votos em branco revelaram-se de enorme utilidade... para a vitória de Cavaco Silva, o candidato que melhor representa a perenidade do “regime” que tais votos de protesto afirmam contestar.

8. O discurso populista cresceu nestas eleições, a coberto da revolta contra a “política”. Seja sob a forma de votos em branco, seja votando em candidatos sem projecto ou com projectos que namoram a “anti-política”, o populismo favorece as políticas de classe contra o mundo do Trabalho e dificulta a sua capacidade de combate e de expressão independente. A esquerda deve ser capaz de opor ao populismo uma resposta unitária que valorize o protagonismo social, político e eleitoral do movimento popular.

9. A candidatura de José Manuel Coelho, além de características atrás identificadas, congregou uma votação expressiva contra os abusos do regime jardinista na Madeira.

10. Terminada a eleição, o governo procurou reforçar a sua aliança com o patronato propondo a alteração das regras dos despedimentos, de modo a facilitar a sua concretização através da redução radical do valor das indemnizações para as novas gerações de trabalhadores e trabalhadoras. O novo regime prevê ainda que o seu financiamento se faça através da constituição de um fundo que, como toda a evidência indica, será constituído por abatimentos nos salários actuais. Tirando desforço da greve geral de Novembro, a proposta do governo procura responder ao desemprego criando mais desemprego e menores salários.

O Bloco de Esquerda associa-se a todas as lutas de resposta a esta ofensiva e estará ao lado dos sindicatos nas mobilizações e jornadas nacionais de greve e de luta que sejam necessárias para vencer as políticas do governo e da direita. No mesmo sentido, o Bloco organizará um Dia Anti-FMI com acções de mobilização em todo o país, no mês de Março.

11. O Bloco de Esquerda saúda calorosamente os levantamentos populares na Tunísia e no Egipto, como expressão da vontade do mundo árabe à justiça social e à democracia. O processo

revolucionário em curso no Sul do Mediterrâneo mergulha as suas causas profundas na contestação de regimes autoritários apoiados pelos EUA e pelos governos da União Europeia, que preferiram sempre os negócios à democracia e os cleptocratas aos pobres. O Bloco de Esquerda continuará a acompanhar de forma solidária as revoluções democráticas na Tunísia e no Egipto e condena todas as tentativas para, através de forma de ingerência, limitar o seu alcance político.